

O Comércio Informal de Boa Vista

Alexandre Diniz*
Terezinha de Jesus Matos**

Introdução:

O setor informal urbano é um dos mais discutidos tópicos da atualidade. Especialistas apontam que as atividades informais são indicativas de grandes problemas estruturais no setor formal da economia (Teltscher, 1993; Laguerre, 1994). Em dezembro de 1997, estimava-se que o número de comerciantes informais em Boa Vista passava dos 2,000 indivíduos (Folha de Boa Vista, 1997). A atividade em si tem causado celeuma e muitos atritos entre camelôs, comerciantes formais, prefeitura e o público em geral.

A Empresa Municipal de Habitação e Urbanismo (EMHUR) alega que os camelôs ocupam o espaço destinado à circulação das pessoas e que além de criarem poluição visual, causam muita sujeira, dificultando os serviços de limpeza pública. Os comerciantes formais se queixam da concorrência desleal, já que os camelôs não pagam impostos e podem oferecer produtos a preços menos salgados. Os comerciantes também reclamam dos camelôs por eles ocuparem as calçadas em frente as suas lojas, dificultando o trânsito dos seus clientes e o acesso as suas vitrinas. Já o público em geral tem opiniões diversas. Alguns gostam dos preços dos produtos vendidos nas ruas, outros já são desgostosos com relação à baixa qualidade dos bens ofertados.

Apesar de pontos de vista divergentes, não se pode negar o fato de que esta atividade informal ganha novos adeptos a cada dia. Entretanto, pouco se sabe a respeito desta atividade. Quem são os camelôs de Boa Vista? Por que estão engajados nesta atividade? Quais são as características da atividade? O objetivo deste estudo é traçar o perfil do comerciante informal de Boa Vista, assim como buscar as raízes da informalidade entre os camelôs locais.

Revisão de Literatura:

Uma característica inerente ao setor informal é a sua complexidade e a variedade de atividades inseridas no seu contexto. Algumas destas atividades são facilmente observáveis, enquanto outras são menos conspícuas e praticamente impossíveis de serem aferidas. As aulas particulares ministradas por alguns professores nas horas vagas exemplificam a dificuldade de se aferir este fenômeno.

* Professor Assistente no Departamento de Geociências da UFRR, doutorando pela Arizona State University.

** Licenciada em Geografia pela UFRR.

Apesar da inexistência de uma definição universalmente adotada de economia informal, nós entendemos que esta parte da economia envolve a produção e a distribuição de bens e serviços que não são detectados pelas autoridades municipais, estaduais e federais, e que por isso não pagam nenhum tipo de impostos (Hart, 1973).

Até os anos 1970 pouco se falava sobre economia informal. Keith Hart (1973) foi o primeiro a apontar a significância e o tamanho do setor urbano informal nos países em desenvolvimento; daí a origem do termo “setor informal” ser atribuído a ele. Os teóricos em geral concordam que a raiz das atividades informais no Terceiro Mundo está na impossibilidade das instituições formais de proverem emprego a níveis satisfatórios. Como o setor formal não satisfaz a demanda de empregos, aqueles que são excluídos das atividades formais são forçados a improvisar (Yu, 1994). Assim o crescimento do setor urbano informal frequentemente atesta o crescimento da pobreza e também do excessivo processo de urbanização nas cidades do terceiro mundo (Teltscher, 1993; Laguerre, 1994; Lewis, 1954; Fei e Ranis, 1964).

Mazubar foi o primeiro a introduzir o setor informal em um modelo de migração. Para ele, a migração rural-urbana era caracterizada de dois tipos distintos de migrantes: migrantes temporários, que buscavam emprego no setor informal em função de seu desespero por uma atividade remunerativa; e por migrantes definitivos, que buscam emprego no setor moderno e que aceitam um período de desemprego. A tese principal é de que os migrantes rurais, ligados a agricultura de subsistência são atraídos às cidades na esperança de obterem um emprego no setor formal. Tendo suas expectativas frustradas, estes agricultores ficam relegados ao setor informal, que lhes oferece salários a nível de subsistência (Charmer, 1990).

Apesar de aparentar ser uma consequência de um excessivo número de trabalhadores em um mercado restrito, muitos dos que estão engajados em atividades informais o fazem por preferirem a relativa independência que as suas ocupações oferecem. Assim, muitos dos participantes do setor formal podem trocar os seus antigos trabalhos pela informalidade não porque estão desempregados, mas porque eles escolhem se auto-empregarem, utilizando às vezes até o treinamento e a experiência adquirida no setor formal para se estabelecerem como produtores e comerciantes independentes (Lubell, 1991). Assim é falacioso associar atividades informais exclusivamente à pobreza e ao desemprego (Charmes, 1990).

Comércio informal é parte do universo economia informal e é por nós entendido como aquelas atividades comerciais empreendidas em espaços públicos como calçadas, ruas, praças e avenidas. No Brasil, estes comerciantes também são conhecidos pelo epíteto de camelôs. Comércio informal é caracterizado principalmente pela facilidade de entrada dos indivíduos, já que requer baixo capital para início dos negócios e pouca ou nenhuma especialização. A atividade geralmente utiliza mão de obra intensivamente, absorvendo uma considerável parte dos desempregados (Bijlmer, 1985).

Os comerciantes informais podem ser classificados como ambulatórios ou estacionários. Bijlmer (1985) sugere uma tipologia baseada na estratégia de trabalho e na utilização do espaço público:

- . vendedores estacionários - presos a um local fixo onde os seus clientes os procuram;

- . vendedores móveis - operam regularmente em um número definido de localidades em um mesmo dia, atendendo aos clientes que os esperam nestes locais em horas específicas do dia. Um pipoqueiro que trabalha em frente a uma escola na parte da manhã, em frente a uma repartição pública na parte da tarde, e em frente a um cinema à noite constitui-se um bom exemplo deste tipo de comerciante informal;

vendedores ambulatórios e itinerantes - não operam em nenhum local fixo.

Todos estes tipos de comerciantes informais estão presentes em Boa Vista, mas os vendedores estacionários tendem a predominar.

Boa Vista:

A economia de Boa Vista é baseada essencialmente na prestação de serviços e comércio. Por abrigar a sede estadual, a geração de emprego é realizada, sobretudo, pelo setor público, que abriga o maior contingente de trabalhadores, vindo a seguir o setor comercial. Os gastos públicos são também responsáveis por grande parte do montante de dinheiro circulando na economia, sendo o principal catalisador econômico do município. O setor industrial caminha a passos lentos, face aos problemas estruturais, especialmente a falta de energia elétrica. O setor secundário restringe-se à produção moveleira, construção civil e à pequena indústria de alimentação. Com exceção da pecuária e da cultura do arroz, a produção do setor primário é insuficiente para o abastecimento interno, sendo o extrativismo insignificante (SEBRAE, 1994).

Como o maior empregador e o maior responsável pela circulação de dinheiro na economia, é o setor público de Boa Vista. façamos uma breve análise dos recursos de que dispõe este setor. Os recursos financeiros do município são formados basicamente pelas seguintes fontes: receita própria (tributária e patrimonial), transferências (da união e do estado) e operações de crédito. Os maiores recursos vêm das transferências federais e estaduais, com destaque para o FPM (Fundo de Participação dos Municípios) e a Cota do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). O quadro abaixo indica o quão dependente de Brasília é o município de Boa Vista, sendo que quase 60% dos recursos financeiros de que dispõe são baseados em transferências federais (Tabela 01). O estado de Roraima também representa parcela importante no montante de recursos do município, contribuindo com quase 20% do total de receitas.

Tabela 01
Município de Boa Vista - Fontes de Receita 1993(*)

Fontes	%
Receita Própria	20,42
IPTU	8,32
ISS	5,87
OUTRAS	6,32
Transferências Federais	59,20
FPM	56,95
Outras	2,25
Transferências Estaduais	18,41
ICMS	15,05
IPVA	3,36
Outras Operações	1,97
Total	100

* Com base na execução orçamentária de janeiro à setembro de 1993

Fonte: SEBRAE 1994

Como dados relativos à questão do trabalho não estão disponíveis a nível do município de Boa Vista, utilizamos aqui dados referentes ao estado de Roraima como um todo. É bem verdade que isto pode introduzir algumas distorções na análise; entretanto, acreditamos que as discrepâncias entre os dados pertinentes ao estado e ao município de Boa Vista são irrisórias. Primeiro, porque Boa Vista é o maior polo econômico de Roraima e local onde se concentra o maior contingente populacional de trabalhadores. Depois, os dados apresentados a seguir são baseados em uma coleta de dados (PNAD - Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios) feita exclusivamente nas áreas urbanas, o que favorece ainda mais a consonância entre os dados do estado e do município de Boa Vista.

De acordo com a PNAD, uma parcela significativa da população economicamente ativa de Roraima encontrava-se desocupada nos últimos anos. A injeção do Real inverteu uma tendência de expansão do mercado de trabalho no estado, já que as taxas de ocupação que vinham crescendo, sofreram quedas significativas no período pós-1994. Em 1996 quase 12% da população economicamente ativa se encontrava desocupada, constituindo um total de 11,337 indivíduos sem emprego (Tabela 02). As altas taxas de juros diminuíram os investimentos no setor privado e endividaram uma miríade de indivíduos, causando diminuição nas taxas de crescimento econômico e causando uma retração na oferta de emprego.

Tabela 02
Taxas de Ocupação - Roraima

Anos	Ativos	Ocupados	Taxa de ocupação
1992	65841	61564	93,50
1993	66912	63357	94,68
1995	80853	69926	86,48
1996	94699	83362	88,02

Fonte: IBGE 1997

Entre os que estavam ocupados em 1996, 4753 (5,7%) desempenhavam atividades agrícolas, ao passo que a vasta maioria 78609 (94,3%) desempenhavam atividades não agrícolas (dados não apresentados). Em termos de categoria de trabalho, a maioria dos que se encontravam ocupados eram "empregados", totalizando 48264 indivíduos o que corresponde a 57,9% do universo dos ocupados (Tabela 03). Entretanto uma ínfima parcela tem carteira de trabalho assinada, 13165. É também significativa a participação dos trabalhadores por conta própria e os que produzem para o uso e consumo próprio (33,1%). Este fato, aliado ao grande contingente da população ativa fora do mercado de trabalho e ao grande número de empregados sem carteira assinada sugere a existência de um expressivo contingente de trabalhadores na informalidade.

Tabela 03
Distribuição da força de trabalho - 1996

Categoria	Total	%
Empregados	48264	57.9
Trabalhadores Domésticos	3289	3.9
Conta própria	24497	29.4
Empregadores	1097	1.3
Não Remunerados	3656	4.4
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	2194	2.6
Trabalhadores na construção para o próprio uso	365	0.5
Total	83362	100
Com carteira assinada	13165	15.79

Fonte: IBGE 1997

Metodologia:

Como informação detalhada sobre os comerciantes informais de Boa Vista

inexiste, dados para aferir os determinantes da atividade, assim como as características dos seus participantes foram coletadas *in situ*. Pesquisa de campo foi concentrada na confluência das Avenidas Sebastião Diniz e Sílvio Botelho no centro da cidade. Esta localidade foi escolhida porque representa o mais denso centro comercial de Boa Vista e também por ser a área de maior concentração do comércio informal do centro da cidade.

Depois de monitorar a área de estudo por alguns dias, detectamos que existia uma tendência entre os comerciantes informais de ocupar os mesmos espaços físicos ao longo das avenidas. Esta característica facilitou a execução de um recenseamento dos comerciantes informais que foi realizado entre os dias de 1/10/97 a 31/10/97. Neste recenseamento um questionário estruturado, que incorporava uma mistura de perguntas abertas e fechadas, foi ministrado junto a todos os comerciantes informais encontrados no período da pesquisa.

Resultados:

Um total de 86 comerciantes informais foi entrevistado, dos quais a maioria (58,13%) é do sexo masculino. No geral estes indivíduos possuem baixos níveis educacionais. A maioria (54,65%) não possui sequer o primeiro grau completo, ao passo que somente 10,46% terminaram o segundo grau (Tabela 04). Estes dados corroboram com os póstulos de Charmes (1990) e Fields (1990), que demonstraram que a maioria dos empresários e trabalhadores do setor informal possuem baixos níveis educacionais. Os comerciantes informais de Boa Vista são jovens com uma média de 28,81 anos. Vinte e quatro por cento tem menos que 20 anos de idade, enquanto que 44,17% dos entrevistados estão na faixa etária de 20-30 anos.

Tabela 04
Escolaridade

	Primeiro incompleto	Primeiro completo	Segundo incompleto	Segundo completo	Terceiro incompleto
%	54,65	18,60	15,11	10,46	1,16

Os migrantes dominam o comércio informal no centro da cidade, já que mais de 80% dos entrevistados nasceu fora do estado de Roraima. Os estados de onde mais originaram os camelôs são Maranhão (31.39%), Pará (22.09%), Ceará (12.73%) e Amazonas (5.1%). Estes dados confirmam a tendência geral das correntes migratórias para o estado de Roraima, nas quais predominam os Maranhenses, seguidos dos Paraenses, Amazonenses e Cearenses (Diniz, 1998).

Teóricos como Harris e Todaro (1970), Hart (1973), Mazumdar (1975), Charmes (1990) e Lubell (1991), postulam que a economia informal é a porta de

entrada dos recentes migrantes vindos das áreas rurais que buscam o emprego formal nas cidades. Estes teóricos acreditam que os migrantes recentes, uma vez que não conseguem trabalho no setor formal, são relegados ao setor informal que os fornece ganhos a nível de subsistência enquanto desempregados. Existe evidência para estes póstulos. De acordo com os depoimentos dos entrevistados, parte significativa dos camelôs afirma ter chegado a Boa Vista com grandes sonhos de melhoria de vida. Entretanto, estes indivíduos tiveram suas expectativas frustradas e se depararam com problemas de desemprego e a falta de melhores oportunidades de trabalho. Depoimentos como estes são comuns: “Aqui em Boa Vista não tem opção de emprego. Lá fora, o que falam é uma coisa e quando a gente chega não encontra outro trabalho melhor do que esse” .”Foi o único que consegui”. “A gente sai da nossa cidade que já é ruim de emprego, chega aqui e é do mesmo jeito”.

Quantidade expressiva dos trabalhadores informais desempenha estas funções há menos de um ano, ao passo que parcela significativa desempenha as mesmas funções há menos de 3 anos (Tabela 05). Estes resultados são testemunho da crise de emprego que assola o país, tendo empurrado vários trabalhadores para a informalidade. Estes números também sugerem uma rotatividade dentro da atividade, com novos adeptos sempre dando entrada na atividade, ao passo que existe sempre gente deixando a atividade. Confirmando assim as expectativas de Harris e Todaro (1970), Hart (1973), Mazumdar (1975), Charmes (1990) e Lubell (1991).

Tabela 05
Tempo na atividade

	<1 ano	1-3 anos	3-5 anos	>5 anos
%	40,7	30,3	17,4	11,6

É importante frisar que a maioria dos camelôs entrevistados vive em Roraima há mais de 5 anos, tendo chegado ao estado nos fins dos anos 1980 e início dos anos 1990. Esta época coincide com o *boom* dos garimpos e os resultados das entrevistas informais apontam que parcela significativa dos camelôs trabalhou de alguma forma ligada aos garimpos. Mas com o fechamento dos garimpos, o comércio informal passou a ser uma estratégia de sobrevivência, uma alternativa à clandestina atividade garimpeira. Dos entrevistados mais de 53% disse que depois de chegar a Boa Vista sempre estiveram ligados ao comércio informal. Estes números são ainda maiores entre os migrantes recentes. Dos que tiveram outro emprego antes de se dedicarem ao comércio informal, 60% desempenharam outro tipo de atividade informal, especialmente o garimpo.

A vasta maioria dos vendedores informais de Boa Vista trabalha por conta própria (86%), ao passo que uma minoria considerável (35%) é constituído por

empregados de camelôs. De acordo com estes dados, ficam patentes dois fatos: primeiro o comércio informal é fonte de emprego não só para os donos das bancas, mas também para uma parcela significativa da população; segundo existe uma hierarquia econômica entre os próprios vendedores informais existindo os “empresários” (camelôs autônomos) e os trabalhadores e/ou ajudantes de camelô. Parcela expressiva dos entrevistados se dedica exclusivamente ao comércio informal (93%), enquanto apenas 7% desempenham outra atividade econômica. Estes 7% utilizam o comércio informal como fonte suplementar de renda.

Assim como indicaram Moser (1984), Bromley and Gerry (1979), Bromley e Birkbeck (1988), Lubell (1991), e Laguerre (1994), o comércio informal do centro de Boa Vista tem forte ligação com o setor formal da economia. Numerosos comerciantes adquirem os produtos que revendem diretamente de atacadistas em Manaus com nota fiscal, prática que embute impostos. Também, grande parte deles utiliza como forma de pagamento e recebimento cheques, sobre os quais incidem os encargos de CPMF. Enquanto alguns comerciantes efetuam suas compras diretamente em Manaus, outros utilizam-se de amigos e parentes que habitam na capital do Amazonas para efetuarem as compras e enviarem as mercadorias para Boa Vista. Outros ainda são procurados por representantes de fábricas e fornecedores que entregam a mercadoria no próprio local de trabalho dos camelôs.

Os comerciantes inquiridos revendem essencialmente produtos industrializados, sendo que poucos se especializam no comércio de produtos específicos. Sete por cento dos entrevistados vendiam exclusivamente brinquedos; 5,81% revendem relógios, 16,6% vendem aparelhos eletrônicos, 16,27% vendem fitas; enquanto que a maioria opta por vender mercadorias variadas (54,32%) em seus estandes (Tabela 06). Existe uma certa homogeneidade quanto aos preços de mercadorias similares entre os camelôs. Uma fita cassete pirata, por exemplo, custa em média dois reais entre os comerciantes observados. Apesar deste “tabelamento”, ou acordo de cavalheiros, a diferença de preços é conseguida através da pechincha. Dá-se um desconto para as compras mais expressivas e negociam-se prazos e parcelamento. Esta flexibilidade agrada muito a clientela.

Tabela 06

Mercadorias Comercializadas

Produtos	%
Brinquedos	7.00
Relógios	5.81
Aparelhos Eletrônicos	16.60
Fitas Cassete	16.27
Mercadorias Variadas	54.32
Total	100

Através de observações diretas no local de trabalho dos comerciantes informais, verificamos como é desgastante a luta diária pela sobrevivência. Os camelôs trabalham mais de oito horas por dia, alguns chegando a trabalhar até 13 horas sem intervalo para as refeições (Tabela 07). Estes almoçam no próprio local de trabalho, pois acham muito dispendioso ficar montando e desmontando as barracas e também porque o movimento de transeuntes, clientes em potencial, durante o horário de almoço é grande.

Tabela 07
Jornada de trabalho

Jornada	% dos camelôs
6:00 às 18:00	6,6%
7:00 às 18:00	53,3%
8:00 às 18:00	26,6%
8:00 às 19:00	13,3%

Entre as principais dificuldades vivenciadas pelos camelôs estão a inexistência de um abrigo permanente. Os camelôs trabalham baseados em precárias instalações. Suas barracas são montadas e desmontadas todos os dias e as mercadorias têm de ser armazenadas e colocadas à exposição com a mesma frequência. Muitos comerciantes são obrigados a transportar as barracas e mercadorias entre o depósito, que é geralmente sediado em suas próprias casas, e o mercado, uma vez que não têm como guardar a sua parafernália nas proximidades do centro da cidade. Expostos ao sol, chuva, poeira e poluição, os comerciantes também se queixam da falta de infraestrutura associada à atividade. Um agravante é a falta generalizada de instalações sanitárias, estando os comerciantes informais à mercê da caridade dos donos de bares, restaurantes e lojas. É consenso geral que a construção de um camelódromo, como o realizado em outras capitais brasileiras como a solução para os problemas estruturais.

Tabela 08
Rendimento Mensal

Rendimento	Percentual
< 2 salários mínimos	11,64%
2-3 salários mínimos	52,32%
3-5 salários mínimos	36,04%

Tabela 09
Moradia

Tipo de Moradia	Percentual
Própria	63,95
Alugada	31,39
Cedida	4,65

Apesar de todas as dificuldades listadas acima, uma parcela expressiva dos entrevistados (65%) disse estar muito satisfeito com a atividade e que não gostaria de mudar de profissão ou mesmo de obter um outro emprego no setor formal da economia. Quando inquiridos sobre a razão de estarem no comércio informal, os camelôs apontaram a liberdade conferida pela atividade como o principal atrativo (46,5%). "Apesar do trabalho duro, ser dono do próprio negócio é muito melhor do que ser empregado dos outros. Aqui eu mando e faço o que quiser na hora que eu quiser", respondeu um camelô. Outros 15% apontaram a oportunidade de aumentar a renda como o maior atrativo à atividade, já que ser camelô confere à grande parte dos indivíduos um razoável padrão de vida. Parcela expressiva dos entrevistados tem rendimentos mensais acima de dois salários mínimos ao mês (88,36%) e grande parte mora em casa própria (63,95) (Tabelas 08 e 09). Entretanto, 38,37% dos entrevistados entrou na atividade porque não encontraram outro tipo de emprego.

Conclusão:

O presente trabalho elucidou uma série de questões relacionadas à atividade informal em Boa Vista. Os camelôs no geral apresentam baixos níveis educacionais, e são na maioria jovens do sexo masculino. Entre eles é forte a presença dos migrantes, principalmente os recém-chegados ao estado, que utilizam o comércio informal como porta de entrada ao mercado de trabalho da cidade. Existem também, entre os camelôs, migrantes que chegaram ao estado há mais tempo, e que apesar de terem desempenhado outras atividades econômicas, utilizam o setor informal como válvula de escape para as dificuldades inerentes ao atual mercado de trabalho. Descobriu-se que a atividade dos camelôs, apesar de informal, tem espasmos de formalidade. Parte das mercadorias adquiridas para a revenda são compradas com nota fiscal e várias transações comerciais são efetuadas através de cheques sobre os quais incidem impostos.

É falacioso pensar que o comércio informal de Boa Vista é reduto exclusivo dos desempregados e dos materialmente desprovidos. Existem três tipos de camelôs: os que apesar de terem tido empregos no setor formal buscam a liberdade relacionada a atividade informal e a oportunidade de serem seus próprios chefes; os que preferem trabalhar no comércio informal em função dos melhores ganhos; e outros ainda que

materializam o estereótipo associado aos camelôs e estão na atividade por falta de outra opção de emprego.

A globalização dos mercados, o baixo ritmo de crescimento econômico fomentado pelas exorbitantes taxas de juros, as maciças migrações interestaduais, o fechamento da fronteira agrícola e a monotonia da economia local têm provocado aumento significativo no comércio informal em Boa Vista. Os camelôs ocupam um espaço público indevidamente, poluem visualmente o centro da cidade e sonégam impostos. Entretanto, é preciso levar em consideração o fato de que apesar de representar um incômodo para a sociedade, o comércio informal cumpre um importante papel social, já que face a dificuldades econômicas evita que número expressivo de indivíduos ingresse na marginalidade para sustentar suas famílias.

Apesar das ameaças de remoção e transferência, os camelôs estão aí para ficar. Eles são ubíquos, não adianta simplesmente aumentar a fiscalização ou ainda tentar retirá-los de uma parte da cidade, pois fatalmente deslocar-se-ão para outra. Necessita-se de um maior entendimento entre o poder público e a própria sociedade para tratar a questão, pois enquanto o quadro de baixa oferta de trabalho e parcos salários perdurar no setor formal, muitos continuarão a recorrer a formas alternativas de subsistência. Torna-se imperioso a regularização da atividade para que possamos minimizar os problemas associados ao comércio informal.

A construção de um camelódromo nas proximidades do centro da cidade, como advogado por vários entrevistados, melhoraria a situação de todos. Os camelôs dispormiam de um local com infra-estrutura e não estariam mais expostos ao tempo. Os comerciantes teriam a frente de suas lojas desocupadas. A sociedade em geral se beneficiaria duplamente, pois além de manter a concorrência entre comerciantes e camelôs, o que faz com que os preços baixem, também teria o problema da poluição visual e a dificuldade de locomoção no centro da cidade resolvidos. O poder público também colheria dividendos com o camelódromo, pois passaria a ter um maior controle da atividade, além de minimizar os prejuízos da evasão fiscal através da cobrança de uma taxa mensal dos camelôs que utilizassem as novas instalações.

Referências bibliográficas

Charmes, John. 1990. Critical Review of Concepts, Definitions and Studies in the Informal

Sector. **The Informal Sector Revisited**. Paris, OECD. Turnha, Bernard and Schwarz (Editores).

Diniz, Alexandre 1998. Tendências Migratórias Atuais. Revista Textos e Debates n° 4 Boa Vista, 1997.

- Fei, J. and G. Ranis. 1964. **Development of the Labor Surplus Economy: Theory and Policy II.**
- Folha de Boa Vista, 1997. **Acordo prorroga retirada de camelô.** Caderno Cidade - pagina 6 de 20/11/1997.
- Hart, Keith. 1973. Informal Income Opportunities and Urban Employment in Ghana, **The Journal of Modern African Studies** 11 (1): 61-89.
- Harris, J. e Todaro Michael, 1970. Migration, Unemployment and Development: A two-sector analysis. **American Economic Review**, March. 126-142.
- IBGE, 1997. PNAD de 1996. Rio de Janeiro, IBGE.
- Laguerre, Michael. 1994. **The informal City.** MacMillan Press, London.
- Lewis, W. 1954. Economic Development with Unlimites Supplies of Labor, in Agarwhala, A.N. e Singh, S.P. (Editores) **The Economics of Underdevelopment.** London, Oxford Press.
- Lubell, Harold. 1991. **The Informal Sector in the 1980s and 1990s.** Development Center of the Organization for Economic Cooperation and Development, Paris.
- Mazumdar, D. 1975. **The Theory of Urban Underdevelopment in Less Developed Countries.** World Bank Staff Working Paper # 198.
- SEBRAE, 1994. **Diagnóstico Microregional do Município de Boa Vista.** SEBRAE/RR, Boa Vista.
- Teltscher, Susanne. 1993. **Informal Trading in Quito, Ecuador: Economic Integration, Internal Diversity and Life Changes.** Verlag Breitenbach Publishers, Fort Lauderdale.
- Yu, Sandra. 1994. **Supporting the Informal Sector, Cases of NGO Assistance Programs.** Pagsusuri Ukol Sa Lipunan, Simbahan.